



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE HUMANIDADES, EDUCAÇÃO E SAÚDE DE
TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

MARIA INÊS BARBOSA CONCEIÇÃO

**CARTOGRAFIA SOCIAL DAS PRÁTICAS CULTURAIS DO BAIRRO BOA
VISTA I EM TOCANTINOPOLIS-TO**

TOCANTINÓPOLIS-TO
2026

MARIA INÊS BARBOSA CONCEIÇÃO

**CARTOGRAFIA SOCIAL DAS PRÁTICAS CULTURAIS DO
BAIRRO BOA VISTA I EM TOCANTINOPOLIS-TO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação
do Campo da Universidade Federal
do Norte do Tocantins, Centro de
Humanidades, Educação e Saúde
de Tocantinópolis, para obtenção do
título de licenciada em Educação do
Campo com habilitação em Artes,
sob orientação do Prof(a). Dr(a).
Rejane Cleide Medeiros de
Almeida.

TOCANTINÓPOLIS-TO
2026

MARIA INÊS BARBOSA CONCEIÇÃO

**CARTOGRAFIA SOCIAL DAS PRÁTICAS CULTURAIS DO BAIRRO BOA VISTA I EM
TOCANTINOPOLIS-TO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação
do Campo: Artes da Universidade
Federal do Norte do Tocantins,
Centro de Educação e
Humanidades, Saúde de
Tocantinópolis, para obtenção do
título de licenciada em Educação do
Campo com habilitação em Artes.

Orientação Profa. Dra. Rejane
Cleide Medeiros de Almeida.

Data de aprovação: 30/06/2026

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida, Orientadora (UFNT)

Profa. Ms. Gilvânia Ferreira da Silva (Membra externa)

Profa. Ms, Iara Rodrigues da Silva (Membra interna UFNT)

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT

Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C744c Conceicao, Maria Ines Barbosa.

CARTOGRAFIA DAS PRÁTICAS CULTURAIS DO BAIRRO
BOA VISTA I EM TOCANTINOPOLIS-TO / Maria Ines Barbosa
Conceicao. - Centro de Educação, Humanidades e Saúde -
CEHS, TO, 2026.

33 f.

Artigo de Graduação (Graduação - em Educação no Campo)
-- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2026.

Orientadora: Rejane Cleide Medeiros de Almeida.

1. Cartografia Social. 2. Práticas Culturais. 3.
Territorialidades.

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder força, sabedoria, saúde e perseverança para enfrentar os desafios e chegar até a conclusão desta importante etapa da minha vida.

Ao meu marido, por todo amor, compreensão e incentivo ao longo desta caminhada. Obrigada por acreditar em mim, apoiar meus sonhos e estar ao meu lado nos momentos mais difíceis, tornando essa conquista possível.

Aos meus pais, por todo carinho, dedicação e pelos valores que me ensinaram ao longo da vida. À minha família (pai, mãe, irmão e irmã) por serem minha base, meu porto seguro e minha maior rede de apoio, sempre me incentivando a seguir em frente.

Aos meus amigos, que compartilharam comigo momentos de aprendizado, desafios e conquistas, agradeço pela amizade, pelo apoio e pelas palavras de incentivo durante essa jornada.

Aos professores do curso de Educação do Campo: Artes, minha sincera gratidão pelos ensinamentos, orientações e contribuições para minha formação acadêmica e pessoal. Cada conhecimento compartilhado foi fundamental para a construção da minha trajetória acadêmica.

Em especial, agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Rejane Medeiros, pela dedicação, paciência, disponibilidade e comprometimento durante todo o desenvolvimento deste trabalho. Sua orientação foi essencial para a realização desta pesquisa. Obrigada por compartilhar seus conhecimentos, por suas valiosas contribuições e por conduzir este processo com profissionalismo, incentivo constante e sensibilidade a minha atual situação de mãe e dona de casa.

Por fim, agradeço à minha filha, Evelly, luz e canção da minha vida. Você foi minha maior inspiração na conclusão deste artigo. Seu sorriso e sua presença trouxeram à minha vida forças para continuar mesmo nos momentos de cansaço e dificuldade. Esta conquista também é sua.

RESUMO

O presente artigo apresenta a Cartografia das Práticas Culturais do Bairro Alto da Boa Vista I, localizado no município de Tocantinópolis-TO, com o objetivo de compreender o processo de territorialidades na produção das práticas culturais presentes no território. A metodologia fundamenta-se na cartografia social como método de análise e registro, buscando valorizar os saberes locais, as memórias coletivas, identidade cultural dos moradores e na realização de uma oficina colaborativa com moradores antigos do bairro, além de visitas complementares para ampliação das narrativas. O mapa construído coletivamente possibilitou identificar práticas religiosas e tradicionais, como rezas, benzeções, festejos religiosos e manifestações culturais transmitidas entre gerações, bem como espaços de memória que contribuem para a construção da identidade local. Os resultados evidenciam que as práticas culturais ultrapassam a dimensão física do território, sendo constituídas pelas relações sociais, pelos conhecimentos tradicionais e pelas experiências compartilhadas pelos sujeitos que habitam o bairro. Conclui-se que a cartografia social se mostrou uma importante ferramenta para o reconhecimento, valorização e preservação das territorialidades e manifestações culturais existentes no Bairro Alto da Boa Vista I.

Palavras-chave: Cartografia Social; Práticas Culturais; Territorialidades.

ABSTRACT

This article presents the Cartography of Cultural Practices of the Alto da Boa Vista I neighborhood, located in the municipality of Tocantinópolis-TO, with the aim of understanding the process of territorialities in the production of cultural practices present in the territory. The methodology is based on social cartography as a method of analysis and recording, seeking to value local knowledge, collective memories, and the cultural identity of residents. It involved a collaborative workshop with long-time residents of the neighborhood, intentionally selected, as well as complementary visits to expand the narratives. The map collectively constructed made it possible to identify religious and traditional practices, such as prayers, blessings, religious festivities, and cultural manifestations transmitted between generations, as well as memory spaces that contribute to the construction of local identity. The results show that cultural practices go beyond the physical dimension of the territory, being constituted by social relations, traditional knowledge, and the shared experiences of the people who inhabit the neighborhood. It is concluded that social cartography proved to be an important tool for the recognition, appreciation, and preservation of the territorialities and cultural manifestations existing in the Alto da Boa Vista I neighborhood.

Keywords: Social Cartography; Cultural Practices; Territorialities.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1. Metodologia.....	12
2. TRAJETÓRIA DE VIDA.....	14
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	16
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
1.2. Representação social do território Alto da Boa Vista I	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
6. REFERÊNCIAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

Vidas que superam a opressão
da desigualdade que fere sua
humanidade
pela mais pura maldade
e desnaturaliza sua nação
nega sua humanidade e a razão
de viver em liberdade
em comunhão
resistir é desvelar a consciência
É desconstrução
É reconstrução

Coletivo Canta LEdoC

A necessidade de entender o lugar onde vivemos, para conseguirmos nos localizar e nos orientar no espaço, foi o que impulsionou o surgimento e o desenvolvimento da Cartografia. Por meio dela é possível registrar e organizar informações sobre a superfície da Terra, reunindo dados sobre elementos, fenômenos e tudo aquilo que pode ser localizado geograficamente.

Diante disso, podemos dizer que a Cartografia é a área do conhecimento responsável por representar e estudar a superfície terrestre. A Associação Cartográfica Internacional– ICA apresentou a definição de Cartografia, em sua publicação Multilingual Dictionary of Technical Terms in Cartography diz que:

A arte, ciência e tecnologia de mapeamento, juntamente com seus estudos como documentos científicos e trabalhos de arte. Neste contexto pode ser considerada como incluindo todos os tipos de mapas, plantas, cartas e seções, modelos tridimensionais e globos representando a Terra ou qualquer corpo celeste, em qualquer escala. (Meynen apud Dent, 1999, p. 4).

A cultura é um elemento fundamental na construção da identidade de um lugar e de seus habitantes e pode ser entendida como tudo aquilo que faz parte

da forma de viver de uma sociedade, incluindo seus costumes, conhecimentos, valores e crenças. Diferente de características biológicas, ela não nasce com o indivíduo, mas é construída ao longo da vida por meio das experiências e das relações sociais. Nesse sentido, a frase “a cultura é o conjunto de práticas, conhecimentos, atitudes e crenças que não é inato: eles são adquiridos” destaca que aprendemos cultura continuamente, seja na família, na escola ou no convívio com outras pessoas.

A cultura é o conjunto de práticas, conhecimentos, atitudes e crenças que não é inato: eles são adquiridos. Daí o papel central dos processos de transmissão, de ensino, de aprendizagem, de comunicação na Geografia Cultural: a natureza e o conteúdo da cultura de cada indivíduo refletem os meios através dos quais ele adquiriu as suas práticas e os seus conhecimentos (Claval, 2011, p.16).

Por isso, os processos de ensino, aprendizagem e comunicação têm um papel fundamental, pois ajudam a explicar como os indivíduos absorvem e reproduzem práticas culturais. Assim, a cultura de cada pessoa reflete diretamente os caminhos pelos quais ela teve acesso ao conhecimento e às vivências ao longo da vida. No contexto do município de Tocantinópolis, Tocantins, o Bairro Alto da Boa Vista I se destaca como um espaço rico em práticas culturais que, embora relevantes, frequentemente permanecem à margem das narrativas históricas e acadêmicas.

O presente artigo aborda a cartografia das práticas culturais do bairro Alto da Boa Vista I, surgindo como um desdobramento das reflexões da disciplina Seminário Integrado de Ensino Pesquisa e Extensão I do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes. Minha motivação para investigar esse tema está intrinsecamente ligada à minha vivência como moradora do bairro e ao desejo de mapear e compreender as práticas culturais que se formaram ao longo do processo de territorialização desse espaço no município de Tocantinópolis. Essa iniciativa busca não apenas registrar as atividades culturais existentes, mas também valorizar a identidade local e os laços que unem os habitantes a seu território.

A importância histórica de Tocantinópolis, conforme apontado por Silva (2018), está relacionada à sua emancipação do estado de Goiás, que a posicionou como uma das cidades mais relevantes do extremo norte do

Tocantins, especialmente na esfera econômica. A partir desse momento, a cidade experimentou um crescimento significativo, impulsionado pela melhoria da infraestrutura e por diversos benefícios concedidos pela administração pública.

Esse crescimento atraiu muitos moradores da zona rural, que venderam suas terras em busca de uma vida melhor, enquanto outros foram forçados a deixar o campo devido à demarcação de terras indígenas. Essas transformações resultaram na criação de programas habitacionais que levaram à formação de novos conjuntos residenciais, incluindo o Alto da Boa Vista I, impactando diretamente a configuração urbana de Tocantinópolis.

Um dos eventos marcantes na história do bairro ocorreu em 1988, quando foi reservado um espaço no Alto da Boa Vista I para a construção da Igreja da Santíssima Trindade. Entretanto, ao longo dos anos, esse e outros episódios significativos estão sendo gradualmente esquecidos, gerando a necessidade de preservação da memória coletiva e das práticas culturais que moldam a vida comunitária. Nesse sentido, a devida atenção às histórias e tradições locais revela-se crucial para fortalecer o senso de pertencimento e identidade dos moradores.

Com o objetivo geral buscamos compreender o processo de territorialidades na produção de práticas culturais no Bairro Alto da Boa Vista I, esta pesquisa se propõe a utilizar a cartografia social como método de análise e registro. Ao fazer isso, espera-se destacar a relevância da cultura local e seu papel na construção de identidades coletivas, promovendo assim a valorização das riquezas culturais que muitas vezes são pouco reconhecidas nas narrativas mais amplas sobre o município. Por meio dessa investigação, almeja-se não apenas mapear, mas também dar voz e visibilidade aos saberes e práticas que emergem desse espaço, contribuindo para um panorama mais inclusivo e representativo da rica diversidade cultural de Tocantinópolis.

Este trabalho de conclusão de curso propõe uma investigação minuciosa dessas práticas culturais, utilizando a cartografia social como ferramenta metodológica. O objetivo central é compreender como as territorialidades se desenvolvem nesse bairro e como esses processos contribuem para a formação da identidade de seus moradores.

A proposta deste estudo propõe uma reflexão sobre as práticas culturais existentes no Alto da Boa Vista I, que são muitas vezes ignoradas nas produções literárias sobre a cidade. A identificação dessas práticas é um passo crucial para a construção de um panorama mais rico e diversificado da realidade cultural Tocantinopolina. Através da cartografia social, busca-se não apenas mapear essas iniciativas, mas também entender as interações entre elas e as territorialidades que se formam ao longo do tempo, constituindo um vínculo afetivo e histórico entre os antigos moradores e o espaço que habitam.

Além de identificar as práticas culturais, este trabalho se propõe a analisar a importância da ocupação do espaço pelo Bairro Alto da Boa Vista I e os reflexos que isso tem na identidade coletiva de seus habitantes. A hipótese central defende que a escassez de registros que abordam a cultura dos bairros resulta em uma invisibilidade que, por sua vez, apaga a história dos sujeitos que compõem a comunidade. Assim, em um cenário onde as narrativas frequentemente exaltam figuras específicas, a presente pesquisa se propõe a dar voz aos diversos atores sociais que, ao longo dos anos, contribuíram para tecer a rica tapeçaria cultural do bairro.

Valorizar a cultura local é uma forma de resistência e resgate da memória coletiva. Portanto, este trabalho não apenas pretende mapear as práticas culturais do Alto da Boa Vista I, mas também promover um diálogo mais profundo sobre a importância dessas práticas para a construção da identidade local. A expectativa é que, ao proporcionar uma visibilidade necessária a essas práticas, possamos contribuir para um olhar mais amplo e inclusivo sobre a história e a cultura de Tocantinópolis, reafirmando, assim, a relevância dos bairros na dinâmica cultural, política e econômica do município.

1.1 Metodologia

A metodologia adotada para esta pesquisa foi fundamentada na história oral com história de vida. A utilização da história oral destaca-se como um método de investigação relevante, como observa Thompson (2002, p. 9), que ressalta a importância de ouvir as vivências das pessoas e registrar suas memórias. Essa abordagem traz à tona um panorama mais rico com nuances das transformações sociais e culturais ao longo do tempo, permitindo que os

moradores/as do Bairro Alto da Boa Vista I se tornem autores/as de suas histórias. A capacidade de realizar entrevistas semiestruturadas e interpretar essas narrativas é essencial para compreender a identidade do bairro e suas dinâmicas sociais.

Em complemento, a concepção de Portelli (1997) sobre a história oral enquanto ciência implica que o registro da memória é um processo profundamente individual, que ocorre em um contexto social dinâmico. A memória pode se manifestar de formas semelhantes, contraditórias ou sobrepostas entre os indivíduos, o que gera um campo fértil para a análise. Ao investigar as histórias de vida dos moradores, a pesquisa terá a oportunidade de explorar essas complexidades e diversidades de experiências, resultando em uma narrativa coletiva mais rica e representativa do bairro Alto da Boa Vista I

O primeiro passo da pesquisa foi um levantamento bibliográfico que segundo Gil (2002, p. 61) é o que possibilita “[...] que a área de estudo seja delimitada e que o problema possa finalmente ser definido”, fundamental para identificar literaturas e referências que guiem o desenvolvimento do estudo. Este levantamento não apenas buscará informações a respeito da formação e das dinâmicas sociais do bairro, mas também explorará documentos existentes que possam fornecer uma base sólida para a pesquisa. Tal abordagem permitirá a construção de um arcabouço teórico robusto, que servirá como suporte e contexto para as entrevistas. Esta consulta à literatura existente é significativa para entender as camadas históricas que moldam a comunidade, além de identificar lacunas que a pesquisa possa preencher.

A pesquisa de campo incluiu entrevistas com cinco moradores/as que residem há mais tempo na comunidade, focando nas suas histórias de vida e respeitando a privacidade e a individualidade de cada um. Esse contato direto é essencial, pois oferece acesso as narrativas que ilustram as transformações vividas no bairro ao longo dos anos. Durante as entrevistas, foi fundamental criar um ambiente acolhedor e respeitoso para encorajar os/as interlocutores/as a compartilhar suas memórias e interpretações sobre os acontecimentos e mudanças em suas vidas. As entrevistas foram semiestruturadas, possibilitando que os/as entrevistados/as falassem livremente sobre suas

experiências, enquanto o pesquisador guiará a conversa de forma a garantir que temas relevantes sejam abordados (Portelli, 1997)

Ademais, durante as entrevistas foi útil registrar observações contextuais que podem adicionar uma camada extra de análise às narrativas registradas. O registro dos testemunhos e a atenção às interações de sua vida cotidiana contribuíram para uma interpretação mais rica e holística do bairro. Assim, a combinação da história oral e da história de vida, acompanhada do levantamento bibliográfico cuidadosa e uma pesquisa de campo respeitosa e bem planejada, proporcionou uma análise crítica e abrangente da memória coletiva do Bairro Alto da Boa Vista I. Esse processo não apenas documentou as histórias dos/das moradores/as, mas também servirá para realçar a importância cultural e social da comunidade, contribuindo assim para uma maior valorização de suas experiências e tradições.

A etapa cartográfica desta pesquisa parte da compreensão de que os mapas podem mostrar algo mais do que apenas a localização do lugar. Martinelli destaca que:

[...] os mapas podem mostrar algo mais do que apenas a localização do lugar, isto é, de somente capacitá-los para dar resposta à questão “onde?”. Eles podem dizer muito sobre tal lugar, auferindo-lhe uma terceira dimensão visual e assim, caracterizando-o. (Martinelli, 2003, p. 18)

Os mapas podem dizer muito sobre o lugar, caracterizando-o. Com base nessa premissa, foi realizada uma oficina de Cartografia Social no bairro Alto da Boa Vista 1, em Tocantinópolis – TO.

A elaboração do mapa social foi feita de forma colaborativa, utilizando papel, lápis e canetas coloridas. Os participantes representaram elementos que conferem essa terceira dimensão visual ao bairro, como traçado das ruas, tipologias de moradia incluindo casas de palha, espaços de práticas religiosas e outros marcos relevantes para a comunidade. As visitas domiciliares posteriores serviram para incluir novas informações ao mapa. Todos os participantes tiveram a identidade preservada. O produto foi um mapa social que caracteriza o território para além de sua localização, representando aspectos físicos, culturais e memoriais construídos a partir das vivências e percepções dos moradores.

2.TRAJETÓRIA DE VIDA

Durante todo o decorrer da minha vida, sempre ouvi que já nascemos com um propósito na vida, nunca descobri o meu, mas foi esse propósito que fez com que uma série de coisas viessem acontecer. Uma delas foi minha mãe cancelar um noivado e quando ela achava que não teria outra chance, conheceu meu pai. E a mesma coisa foi com minha avó. Para que um dia eu nascesse. Eu sou cristã e acredito que é Deus quem faz propósitos.

O propósito dos meus pais eram ter filhos e cuidar deles. Meus pais tiveram três filhos; Maria Vanessa, Raimundo Nonato e Maria Inês (eu). 13 de abril de 1998 foi o dia escolhido para que essa princesa chegasse ao mundo com 54 cm e 4,450 kg. Minha mãe ficou muito feliz. Com cinco dias de nascida, menstruei, minha mãe ficou muito preocupada e me levou no hospital, chegando no local, o médico explicou que meninas recém-nascidas podem ter uma espécie de mini menstruação logo depois do parto, em decorrência das mudanças hormonais no ambiente dentro e fora do útero, e é normal, passou um remédio e voltamos para casa.

Cresci envolvida pela cultura viva do bairro, onde a fé e a tradição se misturavam com o cheiro da comida compartilhada e o som das rezas coletivas. Quando menina, aprendi desde cedo a importância das festas do Divino Espírito Santo, de Reis e de Lázaro — momentos em que o bairro se transformava em um só coração pulsando. Nessas ocasiões, as casas se abriam, as mesas se enchiam de pratos fartos, e as pessoas se reuniam para celebrar não só a religião, mas também o laço que nos unia como comunidade.

Alguns anos depois, com 4 anos comecei a estudar, nunca gostei, mas sempre fui muito esforçada, não demorou muito e aprendi a ler.

Outra coisa muito importante na minha trajetória, foi quando eu conheci Jesus, eu tinha 10 anos e foi lindo! Acredito que se eu não o tivesse conhecido, eu não estaria aqui.

Quanto a minha vida escolar foi tranquila, notas boas, mas aos 15 anos tive pedras nos rins, gastrite aguda e infecção renal. O que me impossibilitava de continuar estudando, as dores eram insuportáveis e estava faltando demais

na escola, tive que desistir. Com 19 anos fiquei sabendo do ENCCEJA (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos), me inscrevi, tive que estudar muito, pois algumas coisas haviam esquecido, já outras, nunca tinha visto, mas passei no supletivo.

Meu sonho sempre foi entrar para a Universidade Federal, então com 21 anos me inscrevi para Pedagogia, fui chamada, mas, infelizmente tive que colocar meu sonho em segundo plano. Minha mãe descobriu um câncer em categoria 4. Foram dois anos cuidando da minha mãe, até que ela estivesse curada, ou não. Nesses anos, minha vida foi dedicada a ela. Meus irmãos e eu fizemos tudo por ela, e para a glória de Deus, ela está curada. Com o diagnóstico de cura, voltei a focar nas minhas metas e objetivos.

Em 2021, me disseram que a UFNT tinha ofertado vagas para alguns cursos. Decidi me inscrever para concorrer a uma das vagas, fiz tudo que pedia, algo me dizia que ia dar certo. No dia que estava marcado para sair o resultado, fui ver a lista e quando vi meu nome, foi uma alegria sem tamanho. Estar na faculdade pode ser algo sem valor para algumas pessoas, mas para mim não é. Os dias não têm sido fáceis, mas eu tenho me sustentado! Passei por muita coisa: abusos, doenças, ansiedade, medo, mas passei por cada coisa, com a ajuda de Deus e de meus familiares e marido. Falo para todos que 2021 foi um ano que marcou minha vida, porque foi nesses anos que conheci meu marido, que ingressei na faculdade e que minha mãe se curou do câncer.

Uma das minhas lembranças mais queridas é a de acompanhar o cortejo do Divino Espírito Santo ao lado do meu avô. Ele era um homem de fé inabalável, e caminhar ao lado dele era como seguir uma bússola espiritual. Lembro-me do som dos cânticos, do vento leve nas tardes de festa e da alegria estampada nos rostos, como se todos, juntos, carregassem um pedaço da esperança do mundo. Também havia os festejos da Santíssima Trindade, que enfeitavam o bairro de cores e devoção. Para mim, essas memórias são mais do que lembranças: são parte do meu sangue, da minha identidade, da menina que cresceu acreditando que fé, comunidade e amor caminham lado a lado.

Por fim, posso declarar que parte de minha identidade se encontra na minha comunidade, residi no alto da boa vista I desde meus primeiros dias de vida, desde a barriga da minha mãe. Foi lá que coisas importantes aconteceram, meus passos, minha primeira casa, minha primeira escola.

Nunca tive curiosidade de saber sobre minha comunidade, porque era algo que as pessoas não comentavam. Mas, o curso de Educação do campo com as atividades do tempo formativo comunidade me fez buscar a história do meu território. E, também seguir para a pesquisa do final de curso que hora se constitui como elemento de escrita.

3.PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O referencial teórico que sustentará esta pesquisa será fundamentado em autores que analisam e discutem a formação do Bairro Alto da Boa Vista I, proporcionando uma base teórica para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais dessa comunidade. Autores como Sousa (2008), Silva (2018), Bandeira (2003) e Vieira (2015) oferecem perspectivas que compõem um panorama multifacetado das relações sociais, da memória coletiva e do significado do espaço habitado. À medida que a pesquisa avançou, as contribuições desses autores se mostraram essenciais, especialmente no que tange à análise das histórias orais dos moradores e moradoras, que trazem à tona as narrativas e experiências diretamente ligadas à identidade do bairro.

Sousa (2008) é um dos principais referenciais, pois discute como a desapropriação de terras, anteriormente pertencentes à TOBASA recebeu a intervenção do poder público para a distribuição de lotes entre os moradores/as. Este ato não apenas provocou a expansão do Bairro Alto da Boa Vista I, mas também reconfigurou as relações sociais dentro da comunidade. Destaca-se que, dentre os 64 lotes distribuídos, muitos permanecem inabitados, enquanto outros estão ocupados por famílias compostas em média por 4 a 6 pessoas. Essa configuração demográfica é um aspecto vital, pois revela não só a dinâmica familiar e a capacidade de acolhimento do bairro, mas também as disparidades socioeconômicas que podem existir, refletindo um cenário de desafios e resiliência entre os residentes.

Silva (2018) complementa as discussões sobre a formação do espaço urbano ao enfatizar a relevância da memória como um instrumento analítico fundamental. A pesquisa propõe-se como metodologia a história oral permitindo que os moradores/as que moram a mais tempo na comunidade compartilhem

suas experiências e memórias. Esses relatos são cruciais, pois não apenas preservam a história do lugar, mas também ajudam a revelar como as transformações sociais e econômicas afetam a identidade dos habitantes. A história oral, portanto, se configura como uma forma intergeracional, em que os valores, tradições e práticas culturais são repassados promovendo um senso de pertencimento e continuidade entre os moradores do bairro.

A proposta de uma “nova cartografia social,” conforme delineada por Alfredo Wagner de Almeida (2013, 2018) desempenha um papel central nesta pesquisa. Almeida (2023) argumenta que a cartografia não deve ser compreendida apenas como um conjunto de mapas físicos ou descrições territoriais, mas sim, como uma prática de pesquisa que reconhece e valoriza a complexidade das relações sociais e culturais que dão forma ao espaço. Ele sustenta que essa nova abordagem permite uma interconexão entre os pesquisadores e os integrantes da comunidade, favorecendo uma leitura enriquecida das realidades locais. Almeida, (2018, p. 580, destaca que:

A proposição de uma “nova cartografia social”, enquanto orientadora de práticas de pesquisa, distingue-se do sentido corrente do vocábulo “cartografia” e não pode ser entendida como circunscrevendo-se a uma descrição de cartas ou a um traçado de mapas e seus pontos cardeais com vistas à defesa ou à apropriação de um território. Ao contrário de qualquer significação única, dicionarizada e fechada, a ideia de “nova” visa propiciar uma pluralidade de entradas a uma descrição aberta, conectável em todas as suas dimensões, e voltada para múltiplas “experimentações” fundadas, sobretudo, num conhecimento mais detido de realidades localizadas. A verificação in loco de situações empiricamente observáveis remete a relações de pesquisa entre os investigadores e os agentes sociais estudados, [...].

A cartografia tradicional está historicamente vinculada ao campo da Geografia, constituindo-se como um saber técnico-científico fundamentado em bases matemáticas, estatísticas e instrumentais. Seu desenvolvimento está associado à necessidade de representar, com precisão e rigor, territórios, regiões, fronteiras e aspectos topográficos, além de registrar acidentes geográficos e outras características físicas do espaço. Para tanto, utiliza técnicas e instrumentos sofisticados que garantem exatidão e padronização nas representações. Segundo Filho e Teti (2013).

A cartografia tradicional encontra-se ligada ao campo de conhecimento da geografia e busca ser um conhecimento preciso, fundado em bases matemáticas, estatísticas, contando com instrumentos e técnicas sofisticadas. Sua especialidade é traçar mapas referentes a territórios, regiões e suas fronteiras, demarcações, sua topografia, acidentes geográficos, como pode ainda tratar da distribuição de uma população em um espaço, mostrando suas características étnicas, sociais, econômicas, de saúde, educação, alimentação, entre outras. O mapa como representação de um território e das características de uma população é um instrumento fundamental da Geografia física e da Geografia humana, a Demografia. (Filho e Teti, 2013, p. 47).

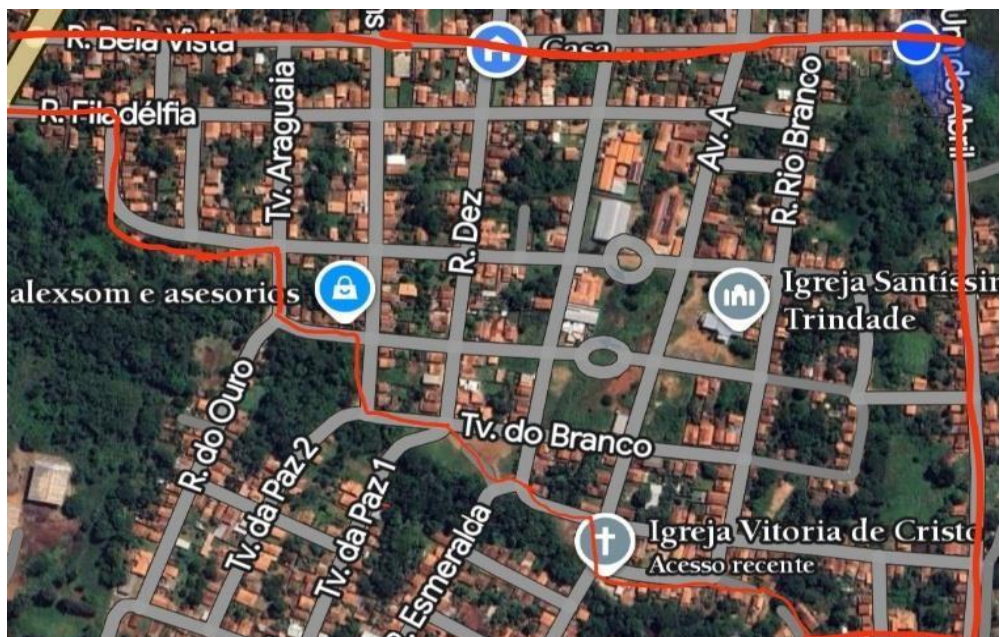
Além da dimensão física, a cartografia também desempenha papel fundamental na análise de aspectos humanos e sociais, permitindo a representação da distribuição populacional e de suas características étnicas, econômicas, sociais, educacionais e de saúde. Nesse sentido, o mapa não se limita à descrição do espaço físico, mas torna-se um importante instrumento de interpretação e análise tanto da Geografia Física quanto da Geografia Humana, especialmente no campo da Demografia, ao possibilitar a visualização e compreensão das dinâmicas populacionais em determinado território.

Enquanto a cartografia social, tem como princípio, não apenas como uma ferramenta para representar as dinâmicas do Bairro Alto da Boa Vista I, mas também, como um meio de empoderar os/as participantes, ao reconhecer suas vozes e experiências no processo de produção do conhecimento.

As contribuições dos autores mencionados visam não apenas à criação de um corpo teórico coerente, mas também à construção de um retrato vívido e autêntico da vida no Bairro Alto da Boa Vista I. Ao relacionar a teoria com as experiências vividas dos moradores/as e as práticas culturais que permeiam o cotidiano da comunidade, a pesquisa se propõe a oferecer uma análise rica e contextualizada. Dessa forma, a combinação de dados empíricos, histórias orais e uma abordagem inovadora como a cartografia social permitirá uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais, culturais e históricas, contribuindo significativamente para os objetivos desejados neste estudo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mapa: 1: Bairro Alto da Boa Vista I



Fonte: Google Maps

4.1 Representação social do território Alto da Boa Vista I

A oficina de Cartografia Social aconteceu no bairro Alto da Boa Vista I em Tocantinópolis, como parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O objetivo principal foi construir, de forma colaborativa, um mapa que representasse o território a partir das vivências, memórias e percepções dos moradores da comunidade. A proposta não se limitava a representar um espaço físico; buscou mostrar os significados que as pessoas atribuíram ao lugar que habitam diariamente. Isso valorizou saberes locais que, muitas vezes, não aparecem nas representações cartográficas tradicionais. Inicialmente, esperava-se a participação de cinco pessoas. No entanto, o falecimento de duas delas impactou diretamente no planejamento da atividade, exigindo reorganização da proposta.

Assim, a oficina foi realizada com três participantes. A seleção dos participantes foi intencional, levando em conta a localização estratégica de suas casas no bairro e há quanto tempo residem lá. Buscou-se incluir diferentes pontos do território para ampliar a diversidade de percepções sobre o espaço. Além disso, priorizou-se a participação dos moradores mais antigos, confirmando-os como aqueles que acumularam experiências, histórias e

conhecimentos importantes sobre a formação e transformações do bairro ao longo do tempo.

Posteriormente, foram feitas visitas a mais dois moradores da comunidade para complementar informações que foram consideradas relevantes para a construção do mapa. Essas visitas ampliaram as narrativas e incluíram novos elementos que não surgiram durante o workshop inicial. Esse processo reforça que a cartografia social seja contínua, formada por diálogos, escuta ativa e abertura para novas contribuições.

A oficina ocorreu na casa de uma das integrantes moradora da Rua Bela Vista, dentro do próprio bairro. Esse espaço foi escolhido para garantir um ambiente acolhedor, familiar e de confiança. Um ambiente assim favorece a participação dos moradores e os encoraja a compartilhar suas experiências, memórias e percepções sobre o território sem a formalidade que muitas vezes limita a expressão em espaços institucionais. Durante a atividade, a construção do mapa foi coletiva e participativa.

Os organizadores atuaram como mediadores, incentivando o diálogo e a troca de conhecimentos, enquanto os participantes desenvolviam informações sobre o bairro. Foram representados aspectos como a organização das ruas, a localização dos postos de iluminação pública e diferentes tipos de moradia, incluindo casas de palha, além de locais considerados importantes pela comunidade, como lojas e locais de práticas religiosas. O mapa buscou resgatar aspectos do início da formação do bairro, destacando práticas culturais, religiosas e saberes tradicionais.

Foram identificadas moradoras/es importantes para a vida comunitária, como uma rezadeira na Rua Dez e a reza de São Lázaro na Rua 21 de Abril, evidenciando manifestações de fé enraizadas na história local. Também foram incluídas uma curandeira e uma rezadeira na Rua Filadélfia, além de um folião e um rezador do Divino Espírito Santo na Travessa Imperatriz, mostrando a diversidade de práticas religiosas e espirituais que fazem parte do cotidiano dos moradores. Na Rua Bela Vista, foram destacadas a presença de uma rezadeira e de um benzedor, junto a Segunda Igreja Batistas, o que demonstra tanto a continuidade de saberes tradicionais quanto à expansão de instituições religiosas formais no bairro. O mapa, também incluí a Igreja Vitória de Cristo, na Rua 3, e a Escola Municipal Alto da Boa Vista I, reconhecida como um

espaço importante de formação para a comunidade. Esses elementos revelam que, desde o início, o bairro foi constituído não só pela sua estrutura física, mas também por uma forte dimensão simbólica, cultural e espiritual.

A presença de rezadeiras, benzedores, curandeiros e diversas práticas religiosas reflete formas de cuidado, fé e organização social que desenvolvem para a construção da identidade local. Assim, o mapa não apenas localiza espaços, mas também registra memórias e saberes que ajudam a compreender o território de uma maneira mais humana. As visitas realizadas depois enriqueceram o material produzido, incorporando novas perspectivas e complementando informações. Esse processo mostrou que a cartografia social é, acima de tudo, uma prática dinâmica e em constante construção, alimentada pelas interações e pelas múltiplas vozes da comunidade.

Como forma devolutiva, o mapa final ficou sob a responsabilidade de uma moradora do bairro, disponível para consulta de qualquer interessado. Essa decisão buscou garantir o acesso coletivo ao material produzido, evitando que o conhecimento construído fique restrito ao espaço acadêmico. Assim, reforça-se o compromisso ético da pesquisa com a comunidade, garantindo que os resultados retornem às pessoas que desenvolvem diretamente com sua construção.

Para proteger a privacidade dos participantes, decidimos não divulgar suas identidades neste trabalho, respeitando as informações compartilhadas ao longo do processo e garantindo o sigilo necessário em pesquisas que envolvem experiências e memórias pessoais. De modo geral, a oficina alcançou seus objetivos ao permitir a construção de um mapa que expressa não apenas as características físicas do bairro, mas também seus elementos sociais, culturais e afetivos. A experiência valoriza os saberes locais, fortalecendo o papel dos moradores como produtores de conhecimento sobre seu próprio território. Além disso, a atividade mostrou a importância da participação comunitária na produção de conhecimento. A construção coletiva permite uma compreensão mais sensível, diversa e aprofundada do espaço vivido. Assim, a cartografia social se apresenta não apenas como uma ferramenta, mas como uma prática que promove a escuta, o reconhecimento e a valorização das histórias e identidades locais, contribuindo para fortalecer os laços entre a comunidade e o território.

Figura 1: Oficina de Cartografia social com moradoras/es do Bairro Alto da Boa Vista I



Fonte: Arquivo da Pesquisa, 2026

Figura 2: Cartografia social elaborada por moradores do Bairro



Fonte: Arquivo da Pesquisa, 2026

O Bairro Alto da Boa Vista I, localizado em Tocantinópolis, é um território que reflete a rica diversidade cultural da cidade e a forte presença de suas tradições religiosas. Com uma população, predominantemente católica e evangélica, a espiritualidade desempenha um papel central na vida dos/as moradores/as e na formação da identidade cultural do bairro. As manifestações de fé são uma expressão significativa da cultura local, com algumas igrejas sendo verdadeiros marcos da comunidade, onde diversos eventos religiosos ocorrem ao longo do ano.

As celebrações religiosas são momentos de grande importância para os habitantes do Alto da Boa Vista I. Além das missas e cultos regulares, eventos como festas de santos, novenas e celebrações de batizados reúnem boa parte do bairro em um forte laço de fraternidade e devoção. Os festejos da Santíssima Trindade, por exemplo, são muito aguardados, unindo a religiosidade com a tradição popular, onde fogueiras, comidas típicas e músicas animadas fazem parte das comemorações. A igreja, portanto, não é apenas um espaço de culto, mas um ponto de encontro e integração social.

A gastronomia também se destaca na cultura do bairro, com pratos típicos que muitas vezes são preparados durante as festividades religiosas e nas reuniões familiares. A culinária é uma forma de manter vivas as tradições, e pratos como o arroz com pequi e a carne de sol fazem parte do repertório local, refletindo a conexão dos moradores com a cultura tocantinense. Reuniões em volta da mesa são oportunidades para compartilhar experiências e histórias, criando laços que fortalecem a comunidade. Além das práticas religiosas e da gastronomia, o Alto da Boa Vista I possui uma vida cultural que se manifesta em várias outras vertentes.

Mas, infelizmente as tradições no Bairro Alto da Boa Vista I, como as festas ao Divino Espírito Santo e a Folia de Reis, que tinham profunda importância na identidade local, estão sendo esquecidas com o passar do tempo. Ambas as celebrações são ricas em simbolismos, histórias e práticas que refletem a fé e a cultura da comunidade, mas a modernização e a falta de transmissão dos costumes entre as novas gerações estão ameaçando sua continuidade.

A festa ao Divino Espírito Santo era uma das manifestações religiosas mais esperadas do calendário, reunindo toda Tocantinópolis em celebrações que incluem missas, procissões e festas. A devoção ao Divino é acompanhada por práticas tradicionais como a distribuição de alimentos, danças e músicas que celebram a espiritualidade do povo. No entanto, com a mudança nos hábitos sociais o envolvimento nas festividades tem diminuído. A falta de interesse das novas gerações pode colocar essa rica tradição em risco de desaparecimento, uma vez que a transmissão dos costumes muitas vezes ocorre em núcleos familiares que estão se tornando cada vez mais raros.

Por outro lado, a Folia de Reis, que se celebra em janeiro e é marcada por grupos de foliões que visitam as casas, cantando e trazendo bênçãos, também enfrenta desafios semelhantes. Antigamente, essa tradição era vibrante e atraía grande participação da comunidade, com as pessoas se reunindo em lares para receber as visitas dos reis. Ocorrem novas dinâmicas sociais e culturais que dificultam o engajamento dos jovens em atividades que antes eram parte integrante do ciclo de vida comunitário. A falta de familiaridade com as histórias contadas durante a folia e a escassez de recursos para a realização de eventos diminui a atratividade dessa prática.

Outra coisa que gostaria de trazer, e sobre a construção das casas no Bairro Alto da Boa Vista I que possui um impacto significativo na vida dos moradores e dos trabalhadores, representando mais do que apenas estruturas físicas. Essas residências simbolizaram um novo começo para muitos, proporcionando segurança, estabilidade e um senso de pertencimento. Em um contexto em que a habitação adequada pode ser um desafio, essas casas oferecem uma solução vital, permitindo que as famílias desfrutem de condições de moradia dignas e adequadas.

A disponibilidade de moradias dignas permite que os moradores tenham um espaço para se estabelecer, criando raízes e contribuindo para o fortalecimento das relações comunitárias. O sentimento de pertencimento e a criação de redes de apoio entre vizinhos são fundamentais para o suporte emocional e social, essencial em tempos de dificuldade. Assim, as casas não são meramente estruturas físicas, mas sim a base de uma convivência rica e solidária.

Outra coisa que marcou a vida dos moradores foi a construção do posto de saúde. Acesso facilitado a serviços de saúde é crucial para a prevenção e tratamento de doenças, especialmente em áreas onde a assistência médica pode ser escassa ou distante. A presença do posto de saúde no Bairro Alto da Boa Vista I garantiu que os moradores tivessem atendimento médico próximo, promovendo a saúde preventiva, vacinas, consultas e tratamentos. Essa proximidade não apenas melhora a saúde individual, mas também impacta positivamente a saúde coletiva da comunidade, promovendo um ambiente mais saudável.

Além disso, tanto as casas quanto o posto de saúde podem estimular a economia local. A construção desses espaços muitas vezes envolve a contratação de mão de obra local, gerando emprego e renda para os moradores.

A seguir temos figuras de construções na Comunidade, o antes e o depois:

Figura 3 e 4: Igreja Santíssima Trindade



Fonte: Arquivos da Pesquisa, 2026

Figura: 5 e 6 Antes e Depois da Rua Bela Vista (última rua do
bairro
Alto da boa vista I)



Fonte: Arquivos da pesquisa, 2026

Figura 7 e 8: Antes e depois da Segunda Igreja Batista de Tocantinópolis – TO



Fonte: Arquivos da pesquisa, 2026

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da criação do bairro Alto da Boa Vista I, testemunhamos um marco significativo na vida de cada morador e moradora da região. Trata-

se de uma história marcada por desafios e mudanças profundas, onde homens e mulheres tiveram que lidar com a perda de suas terras e lares, confrontando uma realidade dolorosa repleta de lembranças de uma vida que, lamentavelmente, não retornará. A atuação da FUNAI, embora necessária para assegurar os direitos dos povos indígenas, deixou muitas pessoas desabrigadas e sem um teto seguro sob o qual viver.

Não é justo, no entanto, simplesmente criticar as ações da FUNAI sem reconhecer o mérito dessa instituição em proteger os direitos dos povos originários. O que faltou foi uma abordagem mais equilibrada e humanitária, que considerasse as necessidades dos moradores que estavam sendo forçados a deixar suas casas. Graças à sensibilidade de alguns líderes e funcionários da prefeitura, muitos conseguiram encontrar um novo lar. A entrega de moradias para aqueles afetados pela mudança foi um passo essencial, proporcionando a tantas famílias a dignidade e a segurança que haviam perdido.

O impacto positivo que isso teve na comunidade foi imenso. A inauguração do posto de saúde representou uma bênção, transformando um cenário que antes exigia longas viagens até o Hospital Municipal José Saboia em algo mais acessível. A proximidade dos serviços de saúde melhorou significativamente a qualidade de vida dos moradores; agora, eles podem atender às suas necessidades médicas sem a angústia de longas distâncias. Essa mudança prática trouxe um senso de tranquilidade que fortaleceu a vida comunitária e ofereceu um suporte essencial para aqueles que tanto necessitavam.

As casas construídas simbolizam mais do que simples paredes e telhados; elas representam noites tranquilas e a paz de espírito que tantos almejavam. Dormir sem medo e saber que seus filhos têm um lugar seguro onde crescer e se desenvolver é, sem dúvida, uma das melhores realizações que a comunidade poderia ter. Portanto, posso afirmar com certeza que o bairro Alto da Boa Vista I não apenas transformou a vida de todos os seus moradores, mas se firmou como um espaço de resiliência e esperança, eternamente gravado nas memórias e corações de cada um que ali vive.

A realização da oficina de Cartografia Social no bairro Alto da Boa Vista 1 permitiu compreender o território para além de sua dimensão física,

mostrando as relações sociais, culturais e simbólicas constituídas ao longo dos anos. A cartografia possibilitou compreender o território para além de sua dimensão física, evidenciando, sobretudo, as pessoas que o constroem e os saberes que mantêm viva a cultura local.

O mapa produzido não se limitou à representação de ruas e espaços, mas destacou sujeitos e práticas que fazem parte do cotidiano da comunidade, como rezadeiras, benzedores, curandeiros e praticantes de diferentes manifestações religiosas. Essas representam muito mais do que funções individuais: são referências de cuidado, fé e apoio dentro do bairro. As rezas, benzeduras e práticas de cura identificadas no mapa revelam formas de conhecimento que atravessam gerações, sendo transmitidas pela oralidade e pela vivência. Dessa forma, a cultura local se manifesta como um elemento fundamental na organização da vida comunitária, funcionando como suporte espiritual, social e até mesmo emocional para os moradores.

Mesmo diante das limitações enfrentadas, como a redução no número de participantes, a pesquisa conseguiu se adaptar e manter seu caráter participativo. As visitas complementares contribuíram para ampliar a escuta e incluir novas vozes, fortalecendo ainda mais o registro dessas práticas culturais. A escolha de moradores mais antigos foi essencial nesse processo, pois permitiu acessar memórias e experiências que ajudam a compreender como essas tradições se mantêm presentes desde o início da formação do bairro.

Dessa forma, a cartografia social se revelou uma ferramenta potente não apenas para mapear o território, mas para dar visibilidade as territorialidades que o constituem. O estudo evidencia que o bairro é formado por histórias, crenças e práticas que vão além do espaço físico, reafirmando que são os sujeitos, com seus conhecimentos e tradições, os verdadeiros responsáveis pela construção e manutenção da cultura e da vida no território.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de, ALMEIDA, Farias Júnior, Emmanuel de.: **Nova Cartografia Social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras**. Manaus: UEA Edições, 2013.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Mapas e museus: uma nova cartografia social. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 70, n. 4, p. 58-61, 2018.

BANDEIRA, Aldenor Alves. **Bonifácio na História de Tocantinópolis**. Imperatriz: Ética, 2003.

CLAVAL, P. C. C. Geografia Cultural: um Balanço. Geografia, Londrina, v. 20, n. 3, p.

5-24, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/14160/11911>

Acesso em: 22 de Mar. de 2026

DENT, B. D. **CARTOGRAPHY Thematic Map Design**. WCB McGraw-Hill. Nova York, EUA. 1985. 1ª ed.

MARTINELLI, M. **Cartografia Temática: cadernos de mapas**. São Paulo: Edusp, 2003. V. 1. 160p.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a História Oral**. Projeto História 15. São Paulo, 1997.

SILVA, Simone Rodrigues da. **IMAGENS DA MEMÓRIA: mudanças na paisagem urbana de Tocantinópolis**. 2018. Monografia (Graduação) Fundação Universidade Federal do Tocantins, Curso de Pedagogia - Campus Universitário de Tocantinópolis TO. 2018

SOUSA, Carlos Antônio de Oliveiral. **Tocantinópolis: 150 anos de urbanização**. Goiânia Kelps, 2008.

VIEIRA, Bruna Maria Queiroz. **A Catedral de Nossa Senhora da Consolação de Tocantinópolis**. 2015. Monografia (Graduação) – Fundação Universidade Federal do Tocantins, Curso de Pedagogia – Campus Universitário de Tocantinópolis TO. 2015.

